

Recensão Crítica



SOUTA, Luís. (2016) - *Bichos à Solta*. Edições Vírgula

DE PAI PARA FILHA, A ESCRITA DA VIDA

LUCIANO PEREIRA

luciano.pereira@ese.ips.pt

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal

Resumo

Ao redigir este texto, não pretendo acrescentar qualquer novidade aos estudos realizados na área da fabulística, nem da epistolografia, nem tão pouco juntar mais uma peça ao conjunto de obras de arte existentes sobre os temas retratados. Bichos à solta é um conjunto de textos que se inscrevem na longa e prestigiada tradição epistolar. Não nos iludamos com as aparências e com os jogos ligeiros e graciosos que, em certa medida, para além da expressão de uma relação autêntica e apaixonada, também não deixam de se afirmar como estratégias discursivas e poéticas de um autor que sabe conciliar a sua sólida formação clássica com a sua contemporânea e comovente sensibilidade. No coração de um título, tão solto e aparentemente ingénuo, aninham-se vinte e cinco cartas profundamente pedagógicas. As cartas, tais como as de Séneca, o filósofo estoico cordovês que o Padre Manuel Antunes apelidou de “filósofo da condição humana”, não têm como destinatário uma figura retórica, um artifício meramente literário, mas sim um familiar intensamente próximo, que permite a troca de informações íntimas, quase sempre de índole filosófica, por vezes superficiais. A comunicação emotiva basta-se a si própria, tal como se satisfaz a comunicação poética. As cartas pontuam uma demanda muito subtil por uma espécie de Santo Graal donde irradiam as complexas e tão luminosas relações entre o amor paterno e as correspondências filiais. Nessa peregrinação opera-se um verdadeiro processo de iniciação que pretende transmitir os valores mais nobres da existência humana, consubstanciados nas mais sagradas regras de respeito pelo outro, pela natureza e por todas as suas criaturas. Conhecemos semelhante processo desde a sétima carta de Platão e dos vários volumes da correspondência de Cícero.

Cada postal ostenta um título, que nos permite seguir o crescimento da destinatária, assim como as metamorfoses e o processo de maturação do emissor. O local de redação desenha um percurso mítico numa secreta geografia de aventuras e emoções que o emissor partilha com a filha, enquanto confidente e única companheira que, sem o acompanhar, não deixa de estar sempre presente, pela força do muito amar. As datas da redação de cada missiva são frequentemente sempre comemorativas, comemora-se a escrita, a vida, a liberdade, o ambiente, as artes e a paz. As que o mencionam relacionam-se sobretudo com as crianças, com a família, com a natureza e com os animais. É difícil não se render a tanta sedução, a um jogo tão envolvente de toca e fuge. Jogar às escondidas com o passado e com o destino, com o tu e com o eu, com a água e com o fogo faz parte da arte das metamorfoses infantis, de golfinho a gato assanhado, de cão vadio a cavalo desenfre-

ado.

Palavras-chave:

Literatura, filosofia, antropologia, pedagogia, ecologia, fábulas, epistolografia.

Abstract

While writing this text, I don't intend to add any novelty to studies of fables, epistemology, nor to add another piece to the set of existing works of art about the themes depicted. “Bichos à solta” is a set of letters, that is included in the long and prestigious epistolary tradition. Let us not deceive ourselves with appearances and with the graceful games that, in a certain way, beyond the expression of an authentic and passionate relationship, also do not cease to be affirmed as discursive and poetic strategies from an author who knows how to reconcile his solid classical training with the contemporary, and with his touching sensibility. In the heart of the title, so loose and apparently naïve, nest twenty-five deeply pedagogical letters. The letters, likewise the ones from Seneca, the stoic philosopher from Cordoba, dubbed by Father Manuel Antunes, “the philosopher of the human condition”, have not addressed a figure of rhetoric, a purely literary artifice, but an intensely close familial relation, which allows the exchange of private information, often philosophical, and sometimes superficial. The emotional communication is good enough itself, as it satisfies the poetic communication. The letters punctuate a demand too subtle, as a kind of Holy Grail where radiating the complex and so bright relation between the father's love and his daughter correspondences. In that pilgrimage operates a real initiation process that wants to convey the noblest values of human existence, embodied in the most sacred rules of respect for the other, for nature and for all its creatures. We know a similar process from the seventh letter of Plato and of several volumes of the correspondence of Cicero.

Each postcard boasts a title that allows us to follow the growth of the recipient, as well as the metamorphoses and the maturation process of the sender. The writing place draws a mythical route in a secret geography of adventures and emotions that the sender shares with his daughter, while a confident and only companion that, without being close, is always present, by the force of a great love. The dates of writing of each letter are often commemorative, celebrating the writing, life, freedom, environment and peace. Those mentioning, relate especially to the kids, with the family, with nature and with the animals. It's hard not to surrender to this

much seduction. Playing hide and seek with the past and with fate, with you and me, with water and fire, is part of the art of child metamorphosis, from dolphin to tetchy cat, from street dog to feisty horse.

Key concepts:

Literature, philosophy, anthropology, pedagogy, ecology, fables, epistolography.

Introdução

Viver e relacionar-se com crianças é partilhar um mundo maravilhoso, regido por múltiplas leis e pautadas por lógicas diferentes, configurações e reconstruções constantes e originais de arcaicas propostas. Nesse mundo, que nunca podemos nem devemos abandonar e no qual aprendemos a ser humanos, os animais desempenham um papel particularmente importante, quer na organização do pensamento, quer na organização do nosso imaginário e das suas consequentes representações sociais e morais, quer como destinatários dos nossos afetos e das nossas emoções. A relação entre o Homem e os animais tem vindo a ser equacionada, pelo menos, desde os primitivos testemunhos das primeiras representações do *homo sapiens*. Período em que os homens neles se transformam e em que com eles comunicam para descobrir os segredos das coisas e do mundo. “Connosco parti-

lham do ministério primordial” (Osório, 1997: 13). A relação entre as crianças e os animais prolongam esses tempos primitivos e primordiais e assume-se como o percurso inevitável para um crescimento mais equilibrado, mais saudável e mais racional. Tal relação ficou plasmada no pensamento filosófico, nas preocupações antropológicas e psicossociais, assim como na arte: “Crianças e animais é um binómio que preocupou estudiosos e que inspirou artistas.” (José Victor Adragão in Pereira, 1991: 9). A literatura dedicou-lhes alguns dos seus géneros literários mais coriáceos: as fábulas e os bestiários, já sem referir os contos com tal temática dominante, os de tradição oral e os contos contemporâneos com características metafóricas, realistas ou neorrealistas. Basta recordarmos obras como a de Aquilino Ribeiro (*O Romance da Raposa*); as de Henrique Galvão (*Kurica*, *Vagô*, *Impala*); as de Miguel Torga (*Bichos*); as de Ilse Losa (*Um*

fidalgo de pernas curtas),... Os poetas contemporâneos raramente desprezam o tema. O brasileiro Manuel Bandeira deixou-nos o inolvidável poema intitulado *o Bicho*. António Osório publicou *Bestiário* “Com alguns inéditos e uma crónica amarga, “Volta ao Zoo”, reuniram-se, de quase todos os livros anteriores, poemas, prosas e aforismos poéticos sobre animais.” (Osório, 1997: 13) Na sua obra, Osório afirma a especificidade que a contemporaneidade reservou ao animal, afirmando a sua irredutível existência, numa espécie de direitos adquiridos, de valor intrínsecos à “plena nudez e serena compostura”. Tal como os primeiros esboços gravados nas rochas, os primeiros poemas teriam sido provavelmente palavras mágicas que permitiam ao ser humano apoderar-se das qualidades dos animais, transformando-se neles para permitindo que, em certos momentos, eles se humanizassem. Falávamos uma mesma linguagem. Inúmeras são as lendas e os mitos que o atestam. Os povos animistas acreditam no espírito das florestas, na alma das árvores e dos pássaros. Quando a alma do homem não chega, o homem vira-se para o mundo, apaixonado, e volta aos tempos primordiais para poder ser correspondido na medida da imensidão do seu amor.



Entre os homens e os animais existem relações complexas que se têm tecido ao longo desta nossa viagem pelo espaço e pelo tempo. A nossa história foi se tornando indissociavelmente uma história de amor e de ódio. As nossas relações mais afetuosas estruturaram-se com os que nos são mais próximos ou com aqueles com que os meios de comunicação mais simpatizaram, tornando-os tão familiares, quase a um passo de ganhar o estatuto que reservamos para nós próprios. Decidimos libertá-los das jaulas e dos sedativos que os aprisionavam nos espaços exíguos dos circos e apenas os toleramos nos Zoo, que apresentam condições mínimas que recriam ilusoriamente os seus ecossistemas. Quase que nos confundimos com eles nas nossas casas, onde chegam a partilhar secretamente a nossa cama, prolongando a nossa infância de pelúcia. Tornamo-nos sagitários no picadeiro, tornámo-nos companheiros na lida do campo. Habitua-mos a acolher as migrações das andorinhas que se aninham nas nos-

sas varandas. Tornámo-nos padrinhos dos animais odiados, rejeitados e quase desaparecidos, como lobos, ursos e outras feras.

“Essas relações subtis e amistosas, que não excluem a curiosidade, a entreaajuda e a mútua benevolência, ultrapassam a crueldade ou a indiferença, e revelam a partícula comum, a dignidade solar de que é feita a vida.” (Osório, 1997: 14)

Nos pequenos postais de Luís Souta, assistimos ao sublime exercício, intemporal e atópico, que é o garante da transmissão dos valores mais estruturantes de qualquer civilização. O autor que, nestas cartas, assume-se, simultaneamente, como o emissor, investe-se, sem reservas, pessoalmente e emotivamente, em cada uma das palavras utilizadas. Em cada palavra, em cada frase, ouvimos, com nitidez, o bater do seu coração. Percebemos a sua necessidade de afirmação. Revela-se, explicita-se, lamenta-se, amadurece e cresce no ato da sua escrita e das suas reflexões que giram precisamente em torno das dificuldades e dos encantos inerentes à paternidade. Ser pai é reativar e prolongar o maravilhoso momento da criação. É amar, apaixonadamente, sem nada exigir, nem tão pouco o reconhecimento da criatura amada. Existe uma ligeira relação entre a responsabilidade paternal e a responsabilidade autoral. O autor sonha, a obra nasce,

cresce e liberta-se, sem nunca cessar de o questionar, por vezes de o pôr em causa, talvez de o confrontar. Neste caso, percebemos que o processo se desenvolve, com a maior das delicadezas, sempre amorosamente. Ser pai, num período historicamente turbulento, em que todas as instituições são alvo de questionamento, num período de profundas transformações familiares, interpessoais e intergeracionais, num período em que, segundo alguns, até os acordos ortográficos e outros tantos parecem ameaçar a nossa consciência identitária, num período em que o limite da expressão da nossa liberdade se expressa apenas pela afirmação da liberdade do outro; em que o mundo, tão vasto, é um apelo constante e constantes são os apelos irresistíveis de todas as suas criaturas, a tarefa educacional tornou-se mais delicada, simultaneamente mais próxima e mais distante. São os afastamentos impostos pelas obrigações profissionais, são os afastamentos impostos pelas novas regras sociais e familiares, são os afastamentos impostos pelos apelos mais diversos, os próximos e os distantes, e os que as merecidas férias não conseguem evitar. Para lutar contra os afastamentos, as ausências, as distâncias, contra todas as barreiras à comunicação de viva voz, nada como as cartas, nada como os postais, nada como a escrita, de letras vivas e emoções teci-

das.

Bichos à Solta é muito mais que um conjunto de vinte e cinco cartas escritas por um pai à sua filha. Cada carta é um postal e cada postal remete-nos para um espaço. Cada espaço fala-nos da mãe terra, da sua beleza, da sua generosidade, dos seus cheiros e perfumes, das suas criaturas, das suas gentes e dos seus costumes. Mas cada espaço também nos fala das suas vulnerabilidades, dos seus maus tratos, das ameaças constantes à sua integridade. *Bichos à Solta* é um conjunto de prosas poéticas que se desenvolvem num espaço planetário, numa espécie de geografia muito íntima e muito pessoal onde o eu poético se sacia e se revigora, numa espécie de paz contemplativa, que não pode deixar de partilhar com o seu ser mais querido e amado, sangue do seu próprio sangue, a sua adorada filha!

Classifica o autor esta sua obra de “juvenil”, classificá-la-ia, pessoalmente, de obra de maturidade. Matura é a sua escrita, matura a sua sensibilidade, matura a sua paternidade. É uma obra que não se destina apenas aos jovens, primeiros destinatários desta obra agora publicada. Ela destina-se a todos os que vivem, de um modo ou de outro, a felicidade da paternidade. Não a de sangue, mas aquela que sabe e pode unir adultos, crianças e jovens nas sólidas teias do amor

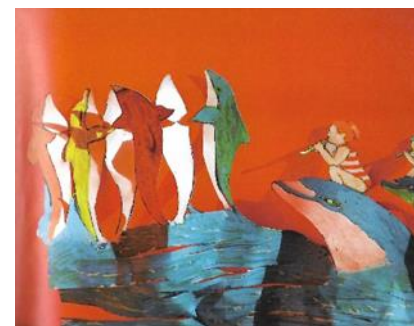
“fraterno”, gratuito e desinteressado. Aliás, estas cartas, agora publicadas, destinam-se a todos os que tiverem a felicidade de as ler: «Qualquer pessoa que leia uma carta que não lhe foi endereçada torna-se o seu destinatário.» (Gérard Lheritier).

Ao longo da obra surgem inúmeras citações, ora provérbios, ora poemas, ora letras de canções, citações retiradas de revistas, jornais e livros, observações linguísticas, etimológicas e culturais, desenraizando seculares palavras gregas e latinas, referências aos mais diversos autores e silenciam-se estes inúmeros diálogos intertextuais com uma corajosa e feliz transcrição da declaração universal dos direitos dos animais.

Logo na folha de rosto, considerou o autor imprescindível brindar-nos com uma joia da sabedoria proverbial do nordeste brasileiro: “Pé na terra, escama na água e asa no céu, cada ser no mundo seu.” (p. 1) Este provérbio molda a macroestrutura do conjunto da obra, fazendo ecoar os mais antigos mitos da criação (água, céu e terra) O fogo, esse, está na alma das coisas, no calor das palavras ditas e das que ficam apenas sugeridas. No verso da folha encontramos uma longa citação de um dos seus cantores favoritos, Fausto, amigo de outros tempos, *compagnon de route*: «e cobrem o ar gafanhotos / mosquitos

e moscos / pavões patolas / libelinhas / zangões / borboletas / tabões / abelhinhas / gralhas / galinholas /...» (p. 2) Este o tom com que o autor pretende veicular as suas reflexões e a sua, melhor, as suas histórias. Abre-nos assim as portas da fábula, género nobre e popular da sabedoria proverbial.

Avisados estamos em relação às estratégias discursivas e às intenções pedagógicas. Percebemos que entramos num mundo em que os animais se personificam ou talvez em que os homens a eles recorram para melhor atingirem os seus fins, para se aproximarem, para melhor seduzir e conquistar. De imediato, relembramo-nos da raposinha de Saint-Exupéry: “*Aprivoise-moi!*” A dedicatória não podia ser mais explícita: “Para a apaixonada dos mares e amiga dos animais, a C., naturalmente; destinatária destes postais ilustrados que lhe fui enviando, nas férias, duramente 15 anos.” (p. 13) Antes da palavra prévia decidiu, compreensivelmente, o autor reforçar o pendor fabulístico da sua obra com uma citação da canção de José Barata Moura, *Fungagá da Bicharada*: «Vamos falar de animais/E de como eles são/Do periquito/Do gato e do cão.../E outros mais/Também virão/Talvez uma girafa,/Um macaco ou um leão» (p. 6).



Uma palavra prévia do autor contextualiza o conjunto das cartas que teve a generosidade de connosco partilhar. Revela-nos tudo, a razão das suas escolhas literárias, formais e estruturais, as suas características epistolares e fabulísticas, o seu tema central, a luta social pela conservação da biodiversidade e a educação para o equilíbrio ambiental, visando evitar a implosão do nosso planeta, o Apocalipse final. Ficamos a saber que estamos perante uma obra de família, uma celebração de reconciliação, um prestar contas com o passado, um exorcismo de revitalização. A Lionor juntou-se ao pai e à irmã, primeira destinatária e ilustradora destas cartas e, desta reunião, nasceu o livro ou deverei dizer, talvez, com maior propriedade, este projeto de família. Paulo Borges prefaciou sabiamente esta obra. Difícil se tornou não repetir as suas reflexões, parafrasear as suas leituras. As qualidades do meu olhar e da minha escrita não têm a acuidade nem

a universalidade intelectual que só o seu saber permitem. Apenas me legitima a amizade que, há longos anos, o contexto profissional foi proporcionando. O autor, como homem de muito bom gosto e de muito bom senso, permaneceu fiel à sua revisora, Ana Laura Metelo Araújo, abrindo assim este projeto aos seus amigos mais íntimos e mais próximos, e sabemos o quanto todos devemos aos revisores que connosco partilham visões e revisões.

Regressemos ao íntimo da escrita para seguir os meandros das metamorfoses animais do emissor. Na água, torna-se golfinho. Vem-nos à memória o lindo poema de Tom Durham:

“Golfinhos
Golfinhos
Têm cérebros do mesmo tamanho que o nosso e gostam de música –
De certeza que a compõem... Podem estar a mudar o discurso?
Nós (parece) apenas apanhamos as suas notas baixas –
E eles, da músicas humana,
Conseguem ler mais do que sabemos –
Formas fixas, salteadas com profundidades esquivas, de manchas coloridas
Subtilmente agitadas por golpes de arabesco,
A maneira como um chão de mosaico
Mistura a sua própria mensagem clara
Com as riquezas superiores, os painéis coloridos.

Param os golfinhos à porta das palavras? Falam com música?

Tendo preferido a pureza, pensam com música? Tom Durham” in Braga (2005: 101)

Logo na primeira carta, escrita no espaço mítico de Tróia, no primeiro dia do mundo da criança (dia mundial da criança), as férias estão à porta, fica o convite endereçado: talvez a menina se transforme numa menina do mar, quiçá num golfinho, e desse modo, talvez, do pai mais se possa aproximar. Existem palavras que só podem ser ditas numa linguagem diferente da linguagem do quotidiano, a linguagem universal, a que todos entendem, alguns chamam-lhe literária, outros chamam-lhe a linguagem dos pássaros, outros a dos golfinhos: “Nas tuas aventuras marítimas talvez te cruces connosco, e, como somos uns golfinhos simpáticos, pode ser que te levemos numa corrida louca, por cima das ondas, em piruetas e malabarismos que só nós conseguimos fazer. Quem sabe?” (p. 16). Na segunda carta, datada de vinte de junho, escrita na serra mãe (Figueirinha), um primeiro cântico surge à tona da água: “Nós, os golfinhos somos muito unidos. Andamos sempre em grupo. Assim nunca nos falta com quem brincar. Com o bom tempo, o mar tranquilo e límpido, adoramos fazer corridas.” (p. 17) É o hino à família, à tribo, ao grupo, aos amigos. A voz do emissor toma ressonâncias sagradas, inici-

am-se as revelações. A voz ecoa como se de o interior de uma primitiva arca se fizesse ouvir. Na 11.^a carta, o golfinho transforma-se em baleia, baleia azul; azul como todo planeta que nos gerou, azul em risco, como em risco estão as águas, “cor suave, calma e serena” (p. 36), frágil e ameaçada como o eu, o eu profundo, que por vezes também se suicida pela força de tanto amar: “Mas os cientistas continuam às voltas com o mistério daquilo a que chamam o suicídio das baleias, quando encalhamos nas praias e aí perecemos. Não sou eu que te vou desvendar o mistério... Quem sabe, talvez seja esse o teu contributo como futura investigadora marinha.” (p. 36). Caracol, arcaico, cronista baboso e quase lascivo, na 12.^a missiva, tão doméstica quanto surreal. Não sei se os de Borgonha gostam de ser saboreados. Quanto ao emissor, tanto lhe parece *gourmet* aquele que sabe comer, como aquele que, sabiamente, sabe ser apreciado. Claro, nestes mistérios da mãe terra (carta escrita a 22 de Abril, dia de São Lourenço e dia internacional da Mãe-Terra), grasnam as rãs, atrevidas, prometendo petisquinhos delicados em manhãs húmidas e orgíacas, obras-primas da sensual gastronomia.

Nas terras de São Mamede de Janas, seguindo uma longa tradição familiar, transforma-se a emissária em amazona para receber a bên-

ção do céu e da terra. (Carta 13.^a - Cavalos no picadeiro – 05 de Junho - Dia mundial do ambiente). Na 14.^a carta é a vez de o emissor revestir a forma equina. No meio do Atlântico, junto ao verde do campo de golfe, lá estava a prometida égua branca de todos os sonhos: “Em boa hora me cheguei a ela. Logo me preendi pela garoupa levantada, pelos gestos pausados e dengosos desta mansa autóctone. Acolheu-me com um olhar meigo e sedento de companhia. Entre trotes plenos de liberdade, tem-me enchido de mimos e bons tratos. Mas eu bem sei que podes levar o cavalo até à água, mas não podes obrigá-lo a beber.” (p. 44) Na 15.^a missiva, no dia mundial do professor, eis o emissor transformado em hamster. Em mais uma das explosões da tão adorada liberdade, barriga farta, mimos revolucionários, libido à solta, foi um *ver-se-te-havias!* “Beijos da tua Mitxu, roída de saudades.” Mais uma vez a destinatária funciona como o eixo que ativa, reativa e modera as pulsões excessivas da vida e do prazer. (p.46) Em Montreal, no Canadá, no dia da água, transforma-se o emissor em esquilo (francófono) e envia dentadinhos de amor e de saudade, claro! (p. 48) No dia do teatro, aparece-nos o cão esgrouviado. O nosso alter-ego mais fiel, aquele que nos reconhece pelo cheiro longínquo e distante e que apenas com esse ilusório pra-

zer platónico se contenta. Quantas vezes se contentam os pais apenas com a proximidade, real ou imaginada, dos filhos tão desejados: “Muitas cenas do teu fidelíssimo *Romeu*, ão, ão.” (p. 50) Na 18.^a carta, lá está ele na neve, precisamente no dia universal dos direitos da infância, sábio cão, metáfora de um pai, que de tanto chover em serra molhada, fantasia “Lambidelas de chuva miúda do amigo Leão da Serra”: Queres encontrar-te comigo num destes dias, na Serra? Fico ansioso à tua espera! Prometo-te levar a uns sítios lindíssimos (Já que o teu pai nunca cumpriu a sua promessa de te trazer aqui; do mesmo se queixam os teus irmãos).” (p.18) Impossível não associar o registo à memória de *Faísca*, a linda história que Ilse Losa (1973: 107-122) nos legou, para nos apertar o coração e vertermos as lágrimas que ainda hoje vertemos por todas as vicissitudes, sofrimentos e misérias do mundo animal. Na 19.^a missiva, escrita em 12 de janeiro, de Espanha, aparece-nos o Tareco vadio, em terras galegas, no seu cio peregrino. Entre miales e manjares, irrompe a serena lucidez: “PS: Hoje é o dia de anos da tua mãe. Deste-lhe os parabéns?” (p. 54) Todo o texto talvez possa caber num poema. Evoca-nos António Osório:

“Gato

Gato não sofre, existe.

Para o sol ratos,
militante
de suas unhas.

Crete no seu motor de ronronar,
em que se embala,
vigilante.” (Osório, 1997: 22)

No ar, entre Tejo e Sado, metamorfoseia-se o emissor em flamingos e cegonhas, aves migratórias que não se deixam aproximar, permitem-nos apenas amá-las de longe, miragens da beleza selvagem e fugidia que nunca se deixam capturar. Narcísicos, sem sombra de pecado, apreciam as fotografias, claro, sempre ávidos de uma nesga de calor, até chegar a hora da despedida para iniciar o tão sonhado e longo voo africano. Aves em extinção, emissores que só sobrevivem pelos milagres operados pela sua autoestima: “Como seria mais pobre e triste o país sem a nossa companhia e o nosso porte elegante nos céus! Não achas? (p. 60). Terminam estas cartas e estas confissões (não estranhem esta alusão agostiniana) com a afirmação de um são realismo e com ternas bicadinhas a quem se deixar debicar: “Bicadas de um Flamingo vaidoso, a banhos no spa natural do Estuário” (p. 58); “Bicadinhas de Cegonha-branca que nunca trouxe bebés de

França, acredita.” (p. 60)

No *Post Scriptum*, assistimos a uma conquista da paternidade amadurecida; amorosa, sempre o foi; consciente, nunca deixou de o ser. Os golfinhos quedaram-se nas noites das discotecas, e as orcas são, agora, metáforas selvagens da juventude rebelde: “E com isto nada te disse sobre o mar e as orcas, que ilustram o postal. Fiquei-me pela vida...selvagem e, como se sabe, os jovens são-no, mais que ninguém.” (p. 66) A 24.^a carta retrata uma jovem autónoma e rebelde, um pai cuidadoso, preocupado, antecipando as dores de separações mais radicais, acautelando para o sofrimento provocado pelas ilusões e desilusões, recorrendo a sentenças, prodigando conselhos, argumentando com a sua larga sapiência e velhice: “Como vês, não deixo de prosseguir o terrível hábito dos “velhos”: dar sentenças e conselhos. Chega, enterremos o “machado de guerra”...” (p. 68). A última carta é serena, uma “entrada na maioridade”, a carta é dirigida a uma filha “abençoada”, terminou a sua licenciatura, submeteu-se ao “arastado e insípido ritual da Queima das Fitas”, ficam os últimos conselhos: “A precipitação não é boa conselheira. Cultiva, pois, a ponderação e a lucidez racional, porque o resto tens tu: charme, beleza, perspicácia, vontade de trabalhar... e de ganhar dinheiro. Mas o

mais importante da vida é a criteriosa escolha daquele que te vai acompanhar na maratona dos dias que se sucedem sem cessar... E, nesse particular, o teu pai não é, de certeza, um bom exemplo. Talvez tenhas algo a aprender com ele nas reflexões contemporâneas de um passado que não geriu bem. O resto são as contingências da vida...e a sorte!” (p. 70) Assim termina esta magnífica obra de um educador que, para além das suas preocupações pedagógicas, não temeu a sua exposição, com laivos de algum hedonismo, enquanto aceitação da sua condição humana, na sua radical afirmação, fragilidade e contradições. Todos os postais, agora publicados, parecem todavia afirmar um delicado e matizado estoicismo, onde se confrontam as inevitáveis forças dos instintos e das paixões com a força da razão. Os últimos postais não conseguem disfarçar a onnipresença de Séneca: “Procede deste modo, caro Lucílio: reclama o direito de dispores de ti, concentra e aproveita todo o tempo que até agora te era roubado, te era subtraído, que te fugia das mãos. Convence-te de que as coisas são tal como as descrevo: uma parte do tempo é-nos tomada, outra parte vai-se sem darmos por isso, outra deixamo-la escapar. Mas o pior de tudo é o tempo desperdiçado por negligência. Se bem reparares, durante grande parte da vida agimos mal, durante

a maior parte não agimos nada, durante toda a vida agimos inutilmente.” (Sêneca. Cartas a Lucílio, 1991: 1).

As ilustrações de Lionor Dupic, a partir das obras de infância de Constança Souta, representam e interpretam o universo onírico do pai e da irmã, verdadeiras revelações, não apenas do imaginário de sucessivas férias bem merecidas, vividas na inconsciência das fugas ao real, quase sempre no aconchego permitido por figuras familiares, mas sempre retratando as várias facetas de uma saudade discretamente dolorosa que a artista ameniza com elementos exuberantemente concretos, colados em fundos relativamente abstratos, com traços e marcas infantis, quase ingénuas e de uma profunda autenticidade emocional. O diálogo entre as duas ilustradoras permite revistar o passado e estruturar o futuro, dando asas a uma imaginação que perpetua uma espécie de memória depurada do inequívoco amor paternal. Sublimaram as suas ausências, desculpando as suas fraquezas e o seu excessivo amor pela vida e, por vezes, por si próprio. Assistimos a uma epifania de sentimentos, plasmada numa grande diversidade de expressões, recorrendo a diferentes técnicas e a diferentes materiais para das tripas fazerem coração e, por sua vez, no diálogo estabelecido, reconciliarem-se, relendo o vivido, aos olhos

de um presente tolerante e compreensivo. As ilustrações nem sempre parecem nascer da escrita, é a escrita que por vezes parece surgir das ilustrações, ilusões do tempo, mistérios da arte. Foram audazes e não podemos ficar indiferentes às diferentes técnicas e aos diferentes materiais usados: a intensidade da palavra manuscrita, a colagem de areia, conchas, chaminé, ráfia, redes, sacos de plástico, azul entrelaçado, pormenores de madeira pintada e lascada, aplicações de fotografias de coisas e de seres vivos, um caracol recortado, a aplicação das flores de jasmim, a fotografia de uma capela que irradia mistérios e tradições seculares, um navio, as sobreposições e aplicações de simples desenhos recortados, as colagens em finas camadas, a utilização de representações em três dimensões, a necessidade da utilização de sombras, talvez porque os dias de férias cegam de tanta luz, a utilização de mapas com pormenores, como as linhas e as indicações do relevo e o mapa globo desenhado e pintado. As ilustrações permitem ouvir as sonoridades emitidas pelos lápis de cor e de cera; dos pincéis ao aplicar os guaches, as aguarelas, as canetas de feltro... Deslumbramo-nos com a beleza expressiva de um bestiário sedutor, em paisagens que todos nós, um dia, vislumbrámos.

Terminamos com a reprodução da macroestrutura da obra. Voltamos

a sublinhar a importância da antiquíssima organização em torno dos quatro elementos primordiais (água, terra, ar e fogo), estando o fogo omnipresente nos sentimentos e nas emoções que nos queimam e nos amadurecem:

I Água

1. Crianças e animais
Setúbal – Tróia, 01 de Junho (Dia Mundial da Criança) (p. 16)
2. Golfinhos em perigo
Setúbal – Praia da Figueirinha, 20 de Junho (p. 18)
3. Felicitações dos roazes-corvineiros
Estuário do Sado, 26 de Julho (Dia dos Avós) (p. 20)
4. Golfinhos na Vigia
Espanha – Granada, 08 de Agosto (p. 22)
5. Fim de férias
Espanha – Ilha de Fuerteventura, 07 de Setembro (p. 24)
6. Nemo não nos contratou
Oceano Atlântico, 08 de Dezembro (p. 26)
7. Dança dos Golfinhos
Cabo Verde – Ilha da Boa Vista, 29 de Abril
(Dia Internacional da Dança) (p. 28)
8. Golfinhos dos Açores
Açores – Ilha Santa Maria, 01 de Agosto (p. 30)
9. Fi, a virgem do Sado
Canárias – La Gomera, 15 de Agosto (p. 32)
10. Namoro na Ilha Dourada
Madeira – Ilha de Porto Santo, 16 de Setembro
(Dia Mundial para a Preservação da Camada de Ozono) (p. 34)

11. Baleia-azul em risco
Espanha – Sevilha, 01 de Janeiro (Dia Mundial da Paz) (p. 36)
12. Rã atrevida
Ericeira – Praia de São Lourenço, 22 de Abril
(Dia Internacional da Mãe Terra) (p. 38)

II Terra

13. Cavalos no picadeiro
Espanha – Málaga, 05 de Junho (Dia Mundial do Ambiente) (p. 42)
14. Cavalo em altos voos
Ilha de Porto Santo – Vila Baleira, 11 de Setembro (p. 44)
15. Hamsters roedores
Espanha – Córdoba, 05 de Outubro (Dia Mundial do Professor) (p. 46)
16. Esquilos nunca vistos
Canadá – Montreal, 22 de Março (Dia Mundial da Água) (p. 48)
17. Corridas à beira-mar de um cão esgrouviado
Ericeira – Palhais, 19 de Setembro (Dia do Teatro) (p. 50)
18. Cães na neve
Serra da Estrela – Sabugueiro, 20 de Novembro
(Dia Universal dos Direitos da Infância) (p. 52)
19. Gato à porta
Espanha – Baiona, 12 de Janeiro (p. 54)

III Ar

20. Flamingos, a elegância Bizarra
Açores – Ilha de São Miguel, 25 de Fevereiro (p. 58)
21. Cegonhas-brancas do Sado
França – Paris, 15 de Maio (Dia Internacional da Família) (p. 60)

IV Post Scriptum

22. As desejadas noites na discoteca

Canárias – Ilha de Tenerife, 23 de Agosto (p. 64)

23. A idade dos entusiasmos irreflectidos

República Dominicana – Ilha Catalina, 24 de Dezembro (p. 66)

24. Jovem autónoma e rebelde

Canárias – Ilha de Lanzarote, 23 de Fevereiro

(Dia da Paz e da Compreensão Mundial) (p. 68)

25. Entrada na maioridade

Cascais – Pai do Vento, 17 de Maio (Dia Mundial da Reciclagem)
(p. 70)

Anexo

Declaração Universal dos Direitos dos Animais (p. 74)

Séneca, Lúcio Aneu (1991) *Cartas a Lucílio*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Souta, Luís (2016) *Bichos à Solta*. [Lisboa]: Edições Vírgula (Chancela do Sítio do Livro).

Ficha curricular

Luciano Pereira, Doutor em Línguas e Literaturas Comparadas, Professor Coordenador, coordenador do departamento de Ciências da Comunicação e da Linguagem - Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal.

Referências Bibliográficas

Adragão, José Victor in Pereira, Luciano (1991) *Os animais e os contos tradicionais portugueses*. Instituto Politécnico de Setúbal Escola Superior de Educação.

Braga, Jorge Sousa (2005) *Animal Animal um bestiário poético*. Lisboa: Assírio e Alvim.

Losa, Ilse (1973) *Um Fidalgo de pernas curtas e outras histórias*. Porto: Editorial Nova.

Osório António (1997) *Bestiários*. Mafra: Edições Elo.

Pereira Luciano (2007) *A Fábula em Portugal. Contributos para a história e caracterização da fábula literária*. Porto: Profedições.